



# INFORMATIVO

# O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

520 anos do Descobrimento do Brasil - 440 anos da União das Coroas Ibéricas - 270 anos do Tratado de Madri - 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II - 150 anos do final da Guerra do Paraguai - 90 anos da Revolução de 1930 - 75 anos da vitória da FEB na Itália  
ANO 2020 Maio Nº 348

## Gallipoli - 25 de abril de 1915 - COMANDANTES DEMAIS

Gary D. Sheffield

*"Malditos Dardanelos! Eles serão nosso túmulo!"* (Almirante Jacky Fisher)

**S**ão conhecidas as máximas militares que dizem que, "para um exército, é melhor entrar em combate com um plano e tentar levá-lo adiante do que tentar alterá-lo na última hora", e que "ter um comandante medíocre conduzindo a batalha é melhor do que ter dois bons comandantes tentando exercer o comando". Procurando estabelecer uma estratégia depois dos agitados primeiros meses da Primeira Guerra Mundial, os britânicos encontraram-se exatamente diante desses dilemas. O resultado foi uma batalha que, apesar de grande imaginação em seus planos, fracassou devido a uma porção de ideias distintas e conflitantes sobre quem estaria no comando.

### O plano estratégico

**N**o final de 1914, a Frente Oeste havia se tornado estática. O fracasso dos alemães em derrotar rapidamente os franceses e britânicos em agosto e setembro foi seguido por um confuso período de operações. Isso deixou ambos os lados temporariamente exauridos e incapazes de romper as trincheiras cavadas pelo inimigo, que se estendiam desde o Mar do Norte até a fronteira da Suíça.

Em outubro, o Império Turco Otomano (que se expandira da moderna Turquia para incluir a maior parte da península arábica) entrou na guerra, aliado à Alemanha. Entre as lideranças britânicas, começaram a surgir partidários do leste, ou seja, gente que pensava em usar o poder naval britânico para flanquear o impasse instalado na França e na Bélgica.

Um destacado partidário da frente leste era Winston Churchill, Primeiro Lorde do Almirantado (o comando político da Marinha inglesa), que era favorável a um ataque aos Dardanelos, o canal que liga o Mar Egeu ao Mar de Mármara. Com um pouco mais de uma milha de largura, assemelha-se a um gargalo. Os Dardanelos, ou os estreitos, dividem a península europeia de Gallipoli da Ásia Menor. Pareceria muito vantajoso se essa área pudesse ser conquistada.

Constantinopla, capital otomana, fica na entrada do Mar de Mármara, do lado turco dos estreitos. Se uma esquadra pudesse forçar os Dardanelos, Constantinopla ficaria vulnerável a um ataque e sua captura provavelmente forçaria os turcos a saírem da guerra. Isso poderia abrir o Mar Negro à navegação aliada, e então revitalizar o esforço de guerra do Império russo, aliado da Inglaterra, inclusive permitindo a troca de grãos russos por munição inglesa e francesa.

A Alemanha e seu aliado, o Império Austro-húngaro, também teriam que enfrentar uma frente mais ampla nos Bálcãs, o que aliviaria a pressão na Frente Oeste. Ao mesmo tempo em que a oportunidade parecia excelente, ainda era difícil antever os prováveis resultados de um bem-sucedido ataque aos Dardanelos.

Os colegas de gabinete de Churchill não compartilhavam de seu entusiasmo por um ataque aos Dardanelos. O Marechal-de-Campo Lorde Kitchener, secretário de Estado da Guerra (o comando político do Exército, embora tecnicamente continuasse um militar da ativa), recusou-se a designar forças terrestres para a expedição, já que considerava todos os homens necessários na Frente Oeste. Então, em 13 de janeiro de 1915, o mais alto nível de decisão do governo britânico para a guerra, o Conselho de Guerra, decidiu que "o Almirantado deverá preparar uma expedição naval para, em fevereiro, bombardear e tomar Constantinopla e a península de Gallipoli", decisão confirmada em 28 de janeiro.

O comandante da esquadra (comando profissional) da Marinha Real, Primeiro Lorde do Mar, Almirante Lord "Jacky" Fisher, concordou em apoiar o projeto apesar de algumas ressalvas. O Vice-Almirante S. H. Carden, comandante da esquadra britânica no Mediterrâneo Oriental, cautelosamente concordou que a operação era exequível, mas não deveria ser apressada e poderia ser custosa.

A recusa de Kitchener em designar forças terrestres complicou a tarefa da Marinha Real, uma vez que essas forças eram necessárias para ocupar Gallipoli e a costa da Ásia Menor, neutralizando as baterias de terra.

## O ataque naval

A falha em realizar um ataque coordenado entre a força naval e uma força terrestre foi uma das mais controvertidas questões de toda a campanha. Embora uma força naval britânica houvesse atravessado os Dardanelos em 1807, um relatório naval e militar de 1906 rejeitava a ideia de que tal operação fosse repetida nas condições da Primeira Guerra Mundial. Em 1911, o próprio Churchill declarou que uma operação nos Dardanelos apenas com navios poderia fracassar, e em data mais próxima, 8 de janeiro de 1915, Kitchener previra que 150 mil homens seriam necessários para conquistar Gallipoli. Mesmo que a esquadra forçasse os estreitos, como poderia conquistar objetivos em terra sem o apoio de tropas terrestres? E como poderia conquistar Constantinopla? A resposta parecia ser que se esperava que a simples chegada de uma esquadra aliada pudesse provocar o colapso da resistência turca. *Sir* Edward Grey, o secretário de Estado para o Exterior, declarou, em fevereiro de 1915: "O que eu esperava era que, com a abertura dos estreitos, houvesse um golpe de Estado em Constantinopla". Tais pontos de vista eram em parte baseados no baixo rendimento das tropas turcas na guerra dos Bálcãs em 1912-13 e no início da campanha de 1914. Eram também baseados no preconceito dos britânicos que consideravam os turcos racial e culturalmente inferiores. Os turcos eram vistos como *bashi-bazouks* uma variante de selvagens, que com frequência eram facilmente derrotados pelos ingleses nas guerras coloniais.

O plano inicial para a campanha de Gallipoli foi, portanto, o resultado de uma ideia falsa que subestimava o inimigo. A Comissão de Investigação de 1917 sobre Dardanelos comentou, com sagacidade, a respeito da "atmosfera de falta de clareza e de objetividade que parece ter caracterizado os procedimentos do Conselho de Guerra".

Em 16 de fevereiro de 1915, os navios britânicos entraram no extremo sul dos estreitos para iniciar a desminagem marítima e o bombardeio das fortalezas otomanas. Foi um movimento lógico e correto, do ponto de vista exclusivamente naval, mas infelizmente por terra uma das principais vantagens dos aliados: a surpresa. Em fevereiro havia apenas uma divisão turca na península (a 9ª Divisão), e por duas vezes, em 27 de fevereiro e em 3 de março, elementos dos fuzileiros reais desembarcaram, não encontrando maior resistência. Um golpe-de-mão executado por uma pequena

força anfíbia poderia, provavelmente, ter conseguido eliminar os fortes que dominavam os Dardanelos. Em vez disso, os turcos não perderam o mês de aviso prévio que lhes foi dado a respeito da intenção dos aliados.

O comandante do V Exército turco, responsável por Gallipoli, era na verdade um oficial alemão, General Otto Liman von Sanders, que mandou reforços para a área e melhorou suas defesas. Quando ocorreu o ataque anfíbio em abril, a 9ª Divisão havia sido reforçada na península pelas 5ª, 7ª e 19ª Divisões e pelas 3ª e 11ª Divisões na costa asiática.

As águas azuis dos Dardanelos testemunharam, em 18 de março de 1915, a impressionante visão de 14 navios de guerra britânicos e quatro franceses, desdobrados em três linhas, com embarcações de apoio, adentrando os estreitos, determinados a forçar a passagem para Constantinopla. As 11h 30 min da manhã, os canhões pesados dos navios de vanguarda começaram, de longa distância, a bater os fortes do litoral. Mas o Vice-Almirante, *Sir* John de Robeck, comandante da força (Carden havia caído doente) verificou que as defesas turcas eram mais fortes do que ele imaginara. As baterias da costa haviam sido reforçadas por 24 baterias móveis *howitzer*, 11 linhas de minas de contato (um total de 344 minas) haviam sido lançadas e três tubos de torpedos de 18 polegadas haviam sido colocados em posição. No início da tarde, a frota aliada começou a sofrer baixas. Os navios franceses *Gaulois* e *Suffren* foram seriamente danificados pelo fogo de artilharia e o *Bouvet* explodiu, afundando com 600 mortos. O *HMS Inflexible* detonou uma mina, o *Irresistible* foi torpedeado e afundou, e o *Ocean* sofreu uma dupla explosão ao bater em uma mina e ser atingido por uma granada, também afundando.

Aceitando a derrota, Robeck rompeu o contato, deixando as áreas minadas dos Dardanelos praticamente intactas. Esse fato, por si mesmo, é suficiente para lançar dúvida sobre a ideia corrente de que um novo ataque em 19 de março teria permitido romper através dos estreitos. Os canhões turcos haviam disparado a maior parte de sua munição, mas parecia que possuíam o suficiente para manter as áreas minadas da baía.

Se nada mais foi aprendido da derrota de 18 de março, a lição de que navios de guerra não podem pensar em sobreviver em águas fechadas coalhadas de minas não desativadas havia sido exagerada na Inglaterra. Se uma força anfíbia houvesse desembarcado, simultaneamente na península de Gallipoli e tivesse sido bem sucedida em capturar os fortes pela retaguarda, os "navios varredores" (caça-minas) poderiam ter cumprido sua tarefa sem oposição. Ironicamente, em 18 de março, quando o ataque naval foi repellido, uma operação conjunta havia se tornado uma possibilidade real.

## Os planos para o desembarque aliado

**A**ssim que os navios britânicos começaram a bater os fortes em 16 de fevereiro, Lorde Kitchener mudou de opinião: poderia, afinal, destinar tropas para os Dardanelos.

O comandante da Força Expedicionária para o Mediterrâneo (MEF), General *Sir* Ian Hamilton, entretanto, não foi avisado senão em 12 de março, deixando a Inglaterra na noite seguinte. Ao Major-General Walter Braithwaite, designado Chefe de Estado-Maior de Hamilton (embora Hamilton não o houvesse indicado), foram dadas 48 horas para organizar um estado-maior. Do mesmo modo, um jovem oficial de estado-maior teve um dia para calcular as necessidades de suprimento para a força.

Essa tresloucada correria de última hora foi a tônica da forma como os britânicos trataram a campanha de Gallipoli. Hamilton tinha 75 mil homens, apenas metade do efetivo que Kitchener havia dito ser necessário para conquistar Gallipoli. Aí estavam incluídas algumas tropas coloniais francesas, a autodenominada "Incomparável" 29ª Divisão, que na realidade era o que restara do velho Exército britânico de antes da guerra, a Real Divisão Naval (RND), formada por Churchill com voluntários, marinheiros e fuzileiros, e o Corpo de Exército Voluntário Australiano e Neozelandês (ANZAC), do qual, na primavera de 1915, não se sabia ao certo o efetivo. Hamilton não tinha a surpresa estratégica, tinha poucas informações confiáveis, não dispunha de embarcações de desembarque e contava apenas com alguns aviões. Suas divisões tinham pouca artilharia e o sistema logístico de suprimento era um caos.

Talvez, o pior de tudo era Hamilton e Robeck compartilharem de conceitos de operações completamente diferentes. Hamilton imaginava que seu desembarque poderia ser apoiado por um outro ataque dos navios de guerra; enquanto isso, Robeck abriria uma outra frente, tão logo as tropas tivessem conquistado suas áreas de desembarque. O comando naval, ao contrário, queria que Hamilton conquistasse a península de Gallipoli antes que arriscasse seus navios nos perigos dos estreitos, fato com o qual Hamilton não estava preocupado. A vulnerabilidade fatal do comando dividido já estava se tornando evidente.

Hamilton estava diante da inviável tarefa de tentar o primeiro desembarque anfíbio enfrentando sempre tropas dotadas de armas modernas. O assalto aconteceu no dia 25 de abril de 1915. Deveriam ser feitos dois principais desembarques: a 29ª Divisão do Major-General *Sir Aylmer Hunter-Weston* deveria desembarcar no Cabo Helles, na extremidade sul da península de Gallipoli; a ANZAC, sob o comando do Major-General *William Birdwood*, desembarcaria uma milha ao norte de Gaba Tepe, na costa oeste da península. As forças francesas deveriam realizar um desembarque diversionário em Kum Kale, na costa da Ásia Menor. A Real Divisão Naval, do Major-General *A. Paris*, deveria ir e vir em frente a Bulair, na extremidade norte da península, encenando um desembarque sem de fato realizá-lo.

A península de Gallipoli tem perto de 50 milhas de comprimento, mas sua largura varia de 12 a apenas 3 milhas. O terreno é difícil para um atacante: montanhoso e acidentado, oferece muitas vantagens ao defensor.

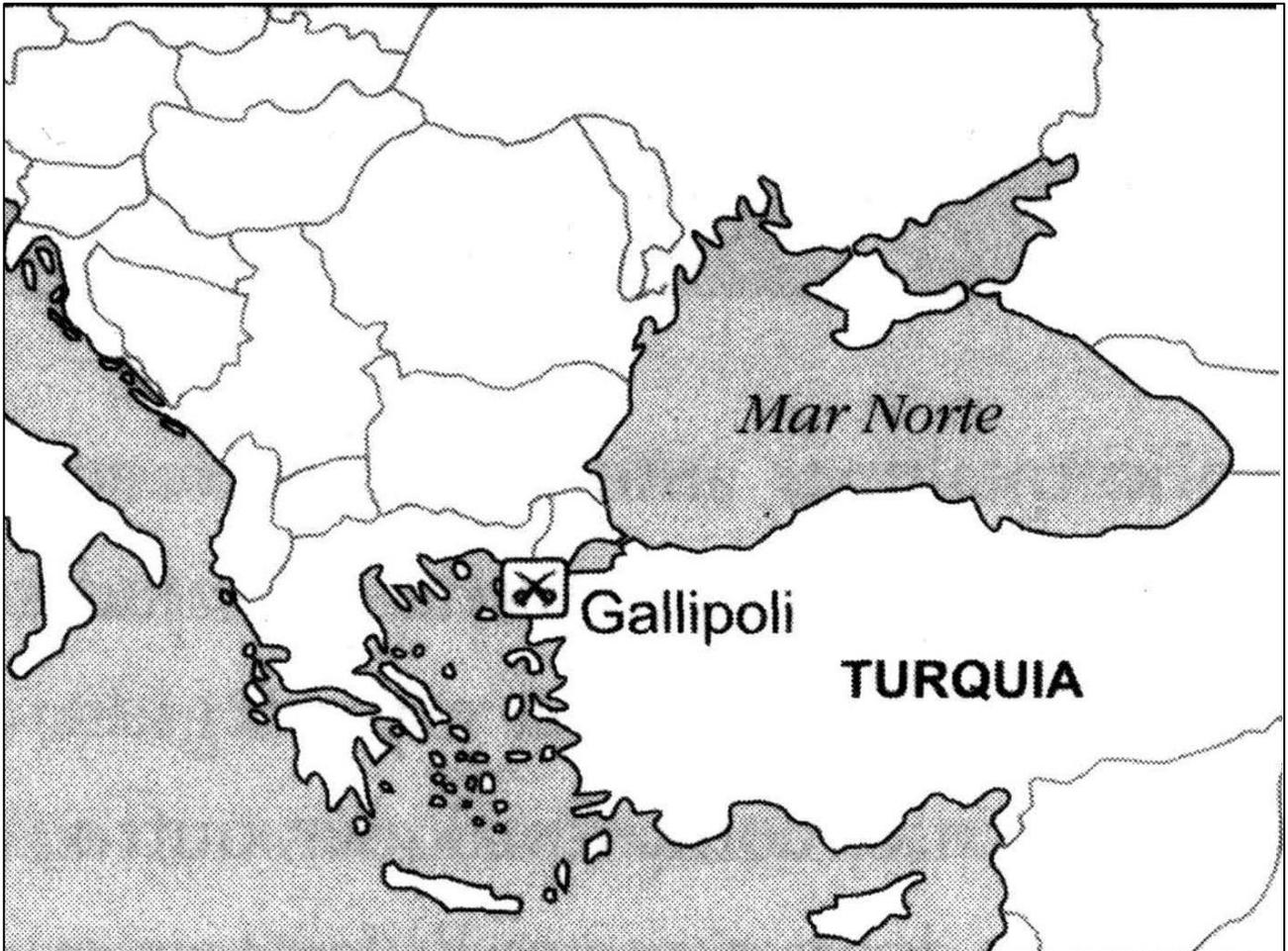
Três grandes movimentos topográficos dominam a parte sul da península: o Monte de Achi Baba (700 pés de altitude) domina a área de Helles; o planalto de Kilid Bahr, mais ou menos com a mesma altitude, que está perto de quatro milhas a nordeste de Achi Baba, e as elevações de Sari Bair (1.000 pés de altitude), que fica a cerca de 10 milhas para o norte de Achi Baba, próximas ao que logo seria imortalizada como a *Anzac Cove* (cova do ANZAC). É uma região árida, hostil, muitas vezes bonita, cortada por valas, muito difícil de ser atravessada.

O plano da Força Expedicionária para o Mediterrâneo (MEF) era conquistar o planalto de Kilid Bahr. Isso daria aos aliados a posição dominante sobre a costa leste da península e, de fato, da costa asiática ao longo dos estreitos e permitiria à MEF apoiar o novo ataque naval. A missão da 29ª Divisão era avançar terra adentro e, ao anoitecer de 25 de abril, conquistar a área vital de Achi Baba.

O ANZAC de Birdwood deveria avançar mais ou menos cinco milhas para leste de sua zona de desembarque *em Anzac Cope* e conquistar as elevações em torno do monte Mal Tepe. Infelizmente, Hamilton e seu estado-maior aparentemente imaginaram que o desembarque seria a parte mais difícil. Por isso, enquanto as ordens para o assalto eram bastante detalhadas, as ordens para a continuação do ataque eram vagas. Foi colocada pouca ênfase na importância da rápida conquista de Achi Baba.

Era esse o melhor plano possível? Certamente, a maioria dos comandantes superiores de Hamilton foi, na melhor hipótese, indiferente a ele. Já que o crucial elemento surpresa havia sido perdido, a MEF deveria, de qualquer modo, ter atacado Gallipoli? Hamilton estava de fato tolhido pelas ordens que recebera. Kitchener havia proibido operações mais amplas na costa asiática.

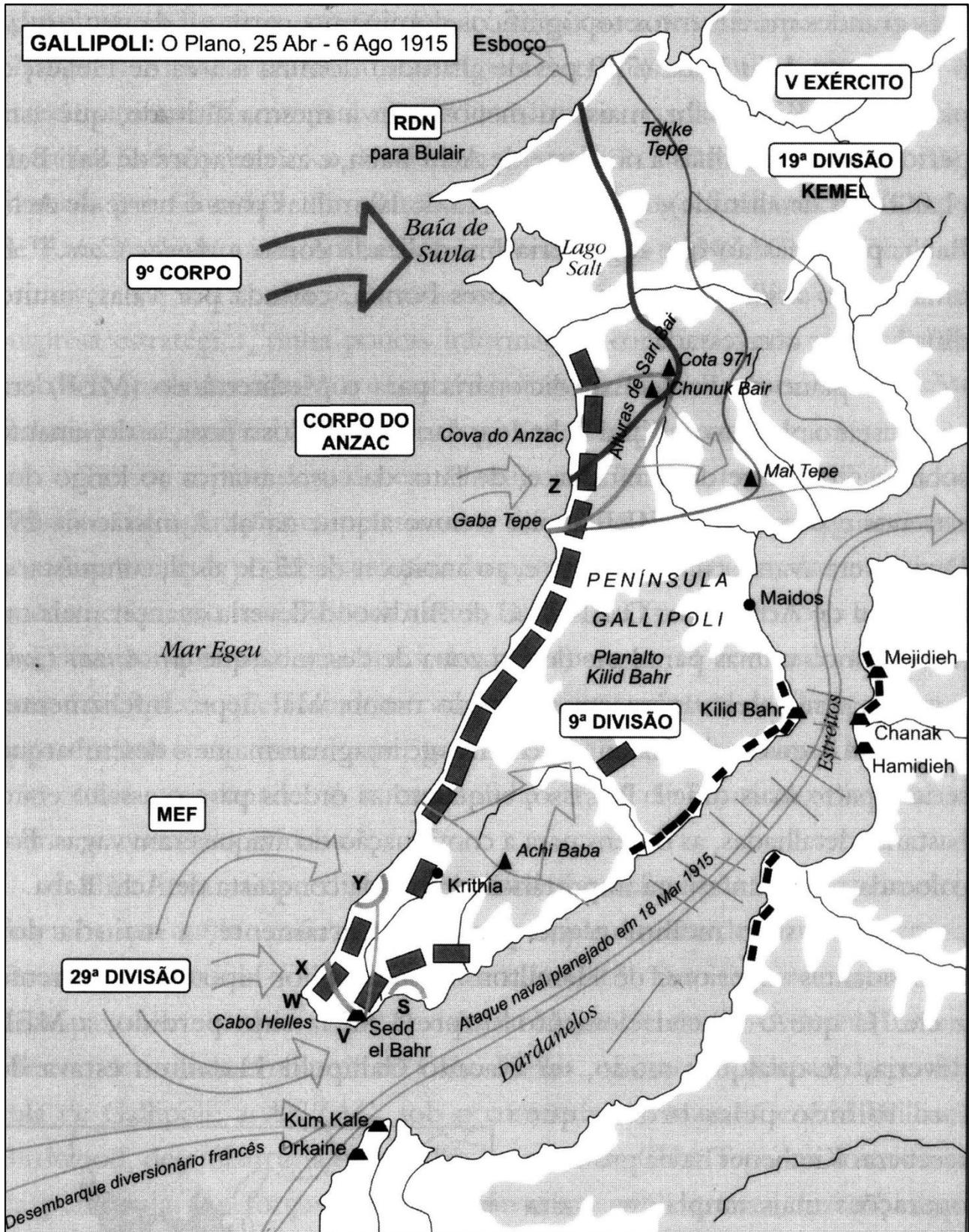
Na verdade, no início de abril, Hamilton havia dito: "Não tenho qualquer autorização para conquistar a Ásia Menor. Não vim aqui com outro propósito senão o de ajudar a esquadra a atravessar os Dardanelos".

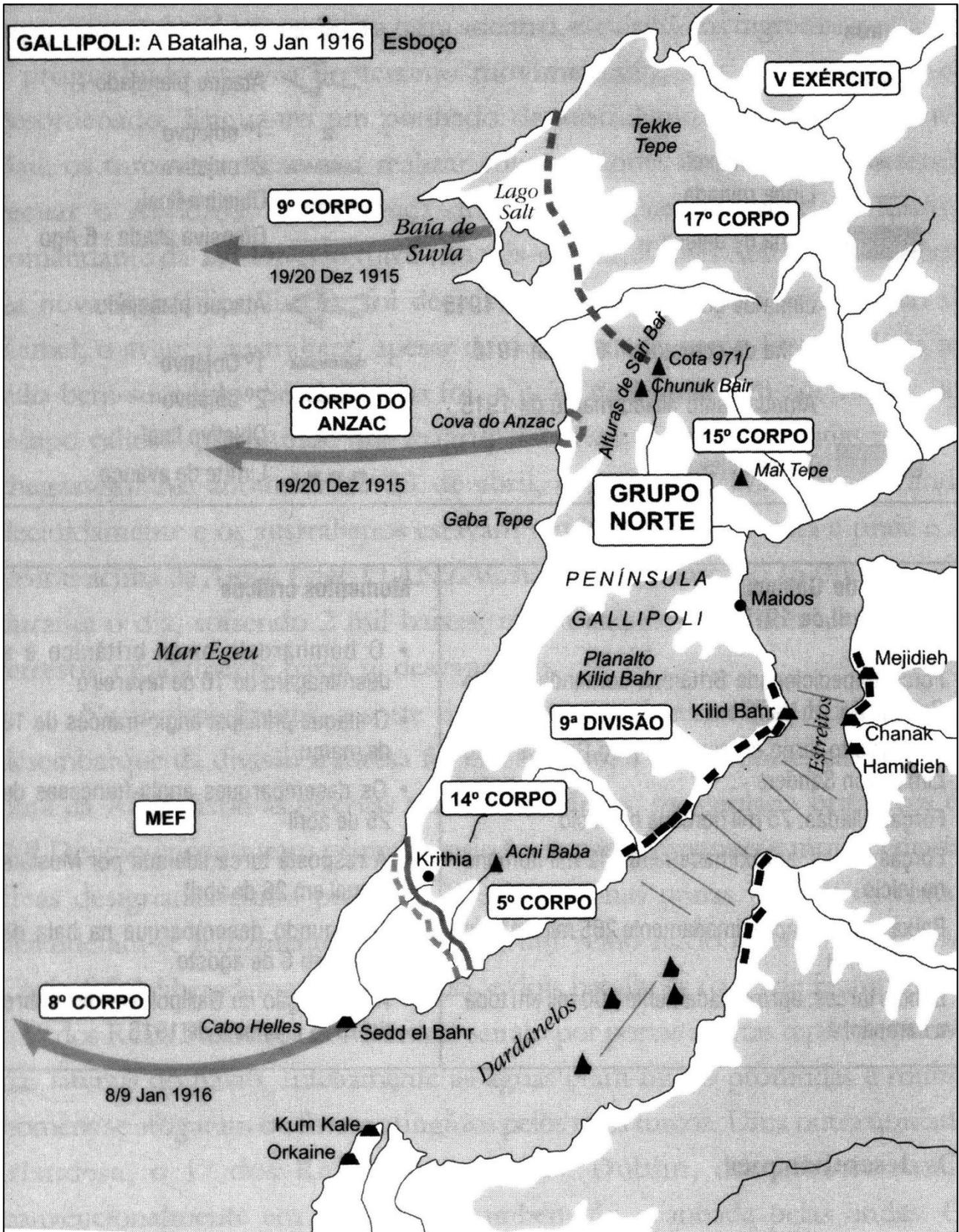


Hamilton, um amigo e protegido de Kitchener, ao dizer isso, estava, virtualmente, como qualquer outro, relutante em opor-se a ele. O poder defensivo dos turcos em Bulair tornou desaconselhável a opção de um ataque ao norte, enquanto as condições desfavoráveis em Helles ameaçavam os atacantes de serem expulsos da área de desembarque pelos turcos. A principal vantagem de Helles era que os navios poderiam dar apoio aproximado (de fogo) durante o desembarque e também durante o avanço em terra. Nessa oportunidade, o apoio naval ao desembarque foi bastante ineficaz.

Ao lado, Horatio Herbert Kitchener







Legenda	Desembarque
Turcos	 Ataque planejado
 Forte	 1º objetivo
 Bateria móvel	 2º objetivo
 Linha minada	 Objetivo final
 Linha de defesa	 Ofensiva aliada - 6 Ago
 Linha de contato em 19-29 Dez 1915	 Ataque planejado
 Linha de contato em 8-9 Jan 1916	 1º Objetivo
 Afundamento aliado março de 1915	 2º objetivo
 Terreno elevado	 Objetivo final
	 Limite de avanço

### Batalha de Gallipoli - 25 de abril de 1915

- Força Expedicionária Britânica comandada pelo General Sir Ian Hamilton;
- O I Exército turco comandado pelo General Otto Liman von Sanders;
- Forças aliadas: 75 mil homens no início;
- Forças turcas: aproximadamente 42 mil homens no início;
- Baixas aliadas: aproximadamente 265 mil em toda a campanha; e
- Baixas turcas: aproximadamente 300 mil em toda a campanha.

### Momentos críticos

- O bombardeio naval britânico e a desminagem de 16 de fevereiro;
- O ataque principal anglo-francês de 18 de março;
- Os desembarques anglo-franceses de 25 de abril;
- A resposta turca liderada por Mustafá Kemal em 25 de abril;
- O segundo desembarque na baía de Suvla em 6 de agosto; e
- A evacuação de Gallipoli em dezembro de 1915 e janeiro de 1916.

### Os desembarques

Os assaltos anfíbios começaram ao alvorecer de 25 de abril de 1915, posteriormente sempre celebrado na Austrália e Nova Zelândia como *oAnzac Day* (dia do Corpo de Exército Australiano e Neozelandês). A 1ª Divisão Australiana desembarcou cerca de uma milha ao norte do seu objetivo original, ou por um erro ou por uma alteração de última hora nos planos. Inicialmente, os turcos opuseram pouca resistência, mas à medida que o inexperiente ANZAC avançava terra adentro, escalando os íngremes rochedos e progredindo através do terreno movimentado, seu ataque tornou-se desordenado.

Enquanto um punhado de australianos chegava a Chunuk Bair, os turcos começaram a realizar contra-ataques improvisados, fazendo recuar o ANZAC. A liderança do Tenente-Coronel Mustafa Kemal, comandante da 19ª Divisão turca (no pós-guerra, Kemal Atatürk, presidente da nova República Turca), foi decisiva. Se não fosse pela intervenção de Kemal, o avanço australiano apesar de desordenado como fora, poderia ter sido bem-sucedido. Sendo como foi, a ação de Kemal deu aos turcos um tempo valioso, permitindo que reagrupassem suas forças e que suas reservas chegassem.

Ao anoitecer de 25 de abril, os turcos estavam progredindo decididamente e os australianos estavam sendo levados de volta à praia e às alturas acima de *Anzac Cove*. O ANZAC havia desembarcado 15.000 homens durante o dia, sofrendo duas mil baixas, mas a chance de vencer a campanha terrestre rapidamente havia se desvanecido.

Nas outras frentes, a sorte dos aliados era incerta. Em Kum Kale, o desembarque da divisão francesa foi um sucesso, e para o norte, em Bulair, a finta da RND fixou as reservas turcas. Em Helles, os regulares britânicos da 29ª Divisão encontraram pequena resistência nas pedregosas e movimentadas áreas designadas como praias S, X e Y, mas nas praias V e W os turcos defenderam-se ferozmente. Na praia V um velho navio carvoeiro, *SS River Clyde*, foi deliberadamente encalhado, e dois batalhões (o 2º de Hampshire e o 1º dos Reais Fuzileiros de Munster) saíram por portas abertas repentinamente nas laterais do navio. Infelizmente as águas eram muito profundas e muitos homens se afogaram ou foram atingidos pelos tiros turcos. Uma outra unidade, irlandesa, o 1º dos Reais Fuzileiros de Dublin, desembarcou mais convencionalmente em botes, mas também foi apanhada pelas ondas. Os sobreviventes da força de desembarque, feridos ou não, permaneceram escondidos atrás da escassa cobertura oferecida pela areia na praia.

Na praia W, em outro assalto sangrento, a 1ª de Fuzileiros de Lancashire tripulava "seis VC (*Victoria Crosses*) antes do café da manhã". Aqui os defensores turcos, friamente, contiveram seu fogo até que os barcos britânicos estivessem a apenas 100 jardas da praia e então flanquearam as linhas dos atacantes. Assim como na praia V na qual a infantaria britânica se esforçou para abrir caminho para a praia. O comandante da Brigada, em uma embarcação imediatamente atrás da primeira vaga, viu uma chance de desembarcar em um dos flancos que aparentemente estava desguarnecido. Conseguiu, liderando uma pequena fração, alcançar a retaguarda da posição turca, sendo, porém, ferido durante a progressão. Ao anoitecer, os britânicos estavam tanto na praia V quanto na W, apesar do alto custo do desembarque. Achi Baba e os estreitos atormentavam os aliados, ainda fora do alcance.

Na praia Y, os britânicos tiveram a melhor oportunidade do dia para conquistar seus objetivos. Dois batalhões desembarcados para encontrar os turcos estavam onde não podiam ser vistos. Infelizmente, em vez de avançar decididamente para atacar os turcos pela retaguarda, as tropas britânicas, ajudadas por ordens pouco claras e confusas sobre quem estava no comando, permaneceram paradas. O pior é que Hunter-Weston ficou obcecado pelo combate nas praias V e W que deixara passar a oportunidade de reforçar a ação na praia Y. Hamilton, de seu quartel-general a bordo do *HMS Queen Elizabeth*, percebeu o erro de Hunter-Weston, mas apenas avisou a seu subordinado para alterar seus planos em vez de lhe dar uma ordem incisiva. Hunter-Weston ignorou o aviso de Hamilton e passou a oportunidade para uma ação decisiva.

### Impasse e fracasso

**A**manhã do dia 26 de abril raiou com os aliados estabelecidos em terra tanto em Anzac como em Helles, mas com os objetivos originais mais distantes de serem alcançados do que nunca. Ao contrário, os aliados estavam submetidos ao tipo de guerra de trincheira que se supunha que a campanha dos Dardanelos evitaria.

Seguiu-se, durante os meses de maio e junho, uma série de exaustivos combates de atrito indefinidos, com os aliados avançando palmo a palmo para seus objetivos, sem conseguir alcançá-los. Em 6 de agosto uma nova e mais intensa fase da campanha começou quando uma força recém-chegada desembarcou em um ataque surpresa na Baía de Suvla, três milhas ao norte de Anzac. Isso, combinado a um novo ataque partindo de Anzac, esteve bem perto do sucesso, mas também terminou em desapontamento.

Muitas das vulnerabilidades do comando britânico, reveladas no assalto de 25 de abril, reapareceram todas também neste segundo ataque. Depois de uma guerra de trincheira posterior, os aliados evacuaram a península de Gallipoli em duas etapas: Anzac e Suvla em 19 e 20 de dezembro, e Helles na noite de 8 para 9 de janeiro de 1916. Ao contrário dos desembarques aliados, as evacuações foram um sucesso absoluto.

Por que houve tão grande disparidade entre o que se imaginou que iria acontecer em Gallipoli e o que realmente aconteceu? Podem ser considerados inúmeros fatores, desde a falta de informações adequadas até a desordem logística, mas não há dúvida de que a falta de cooperação contribuiu muito para o resultado final.

O divórcio inicial entre o ataque naval e as forças terrestres foi desastroso. Um ataque conjunto naval e terrestre, lançado imediatamente de forma a garantir a surpresa, teria garantido à

